Angolana

COORDENAÇÃO: Domingos dos Santos e Manuela Gomes

QUARTA-FEIRA, 8 DE MARÇO DE 2017 • ANO 2 • N.º 2

GUARDAS PENITENCIÁRIAS

Mulheres são guardiãs das cadeias do país

Luísa de Oliveira, 35 anos, e Domingas Monteiro, acabaram, não por vocação, por se apaixonar pela farda. Hoje, elas são agentes penitenciárias de primeira classe do Destacamento Especial de Segurança Penitenciária (DESP), uma força de elite dos Serviços Prisionais. Pág 4

BELAS ARTES

Carreiras sólidas e convicções fortes

Pag. 12 e 13

EDIÇÕES NOVEMBRO

Maquilhadora possui dois ateliers

DIVA DO BRILHO

Odeth Neto dá cartas na maquilhagem

Força, determinação e fé são para Odeth Neto os pré-requisitos para uma mulher que quer abrir o seu próprio negócio. Numa conversa descontraída, divertida e informal com o suplemento Angolana, a jovem de 33 anos, proprietária do atelier de maquilhagem Brilho de Mulher, considera-se uma "Diva", que com o seu trabalho dá brilho ao rosto de outras mulheres. Pág. 8 e 9

▶ ENTREVISTA • LAURIELA MARTINS - Miss Angola 2017

"O assédio sexual é um mal assustador e deve ser combatido a todos os níveis"

Pag. 6 e 7

EDIÇÕES NOVEMBRO

FERNANDA MARIA

Uma vida dedicada às viagens de longo curso

Pag. 3

A trabalhadora de 60 anos continua dedicada ao transporte de mercadorias para várias localidades do interior das províncias da Huíla e Cunene

JOSÉ COLA | EDICÕES NOVEMBRO

DESPORTO

"Pérolas preciosas" do andebol africano

Após uma carreira desportiva recheada de êxitos, Odeth Tavares destaca-se no dirigismo desportivo, com a função de presidente da Associação da Mulher e o Desporto. Pag. 10 e 11

EMPRESÁRIA DE SUCESSO

Dedicação e perseverança são essenciais nos negócios

O tempo parece não passar por Maria Ambrósio, uma empresária bem-sucedida, que aos 43 anos esbanja jovialidade, sensualidade e beleza de uma angolana natural de Malanje que com trabalho, dedicação e perseverança conseguiu alcançar o topo no mundo dos negócios. Pag.5

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Maria Ambrósio é uma mulher de garra

Editorial

Somamos vitórias gratificantes

Internacionalmente dedicado à mulher, o mês de Março constitui uma ocasião para se reflectir sobre o papel da camada feminina na sociedade e as batalhas em prol do usufruto pleno de direitos negados em contextos que ainda a remetem para posições subalternas. Travada em diferentes épocas, a luta pelas causas da mulher, que vem ganhando consistência com o decorrer do tempo, é mundialmente comemorada a 8 de Março. A data representa um marco no quadro de esforços conjugados com vista a implementar o princípio basilar da Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo o qual todos os seres humanos nascem revestidos de direitos iguais.

A História Universal regista que, a 8 de Março de 1857, um grupo de 129 operárias têxteis da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, protestou de forma enérgica contra o patronato, reivindicando a redução da jornada laboral de 16 para 10 horas diárias. Apesar da intensa carga de trabalho, as mulheres auferiam abaixo de um terço do salário dos homens. Como medida de represália pela greve, a primeira desencadeada por mulheres no país, as amotinadas foram trancadas dentro da fábrica onde se deflagrara um incêndio. Muitas delas morreram queimadas.

O impacto do acto transcendeu as fronteiras dos Estados Unidos. Em sua homenagem, a data foi instituída como o Dia Internacional da Mulher durante uma conferência realizada na Dinamarca, em 1910. Desde então, o movimento a favor da emancipação da mulher passou a integrar a agenda política internacional. Mesmo nos países mais conservadores, já se discute o papel da mulher fora do estrito âmbito tradicional que, salvo em sociedades retrógradas, deixou de limitar-se à procriação e lida da casa. Ao redor do mundo, somam-se conquistas com respaldo da Constituição. O público feminino "invade" espaços outrora inacessíveis, incluindo cargos políticos ao mais alto nível.

Em África, incluindo naturalmente Angola, abundam exemplos de mulheres que se notabilizaram por romper barreiras. A saga da mítica rainha Nzinga Mbandi, praticamente elevada ao estatuto de símbolo nacional, ultrapassou a sua época e as fronteiras geográficas do Reino da Matamba. O seu legado tem sido cada vez mais estudado assim como o de outras figuras com a dimensão, por exemplo, de Kimpa Vita. Através de Deolinda, Teresa, Engrácia, Irene e Lucrécia são homenageadas milhares de heroínas que o país gerou. Embora valores sócio-culturais enraizados no passado inspirem a manutenção de procedimentos que inserem a mulher em escalões secundarizados, a luta continua no nosso continente. A liberiana Ellen Johnson Sirlef, galardoada com o Prémio Nobel da Paz, foi a primeira mulher eleita Chefe de Estado. A sul-africana Nkosazana Dlamini-Zuma foi a primeira mulher eleita presidente da União Africana. Graça Machel, respeitada mundialmente, várias vezes cogitada para cargos de grande projecção mundial, e Wangari Mutari, a primeira africana premiada com o Nobel da Paz, inspiram gerações de meninas e mulheres africanas.

A questão da inserção da mulher na sociedade angolana foi impulsionada com a ascensão da Independência Nacional. As conquistas consolidadas ao longo dos 41 anos de independência são notáveis em diferentes sectores. Políticas públicas consistentes resultaram na transformação do mapa da desigualdade. Note-se que, até ao início dos anos 90, eram praticamente inexistentes as estatísticas desagregadas por sexo. Hoje, as estatísticas atestam as mudanças positivas. A criação, em 1991, da Secretaria de Estado para a Promoção da Mulher, que evoluiu posteriormente para Ministério da Família e Promoção da Mulher, deu corpo a um mecanismo encarregado de definir e executar a política governamental para o sector. Por sua vez, a institucionalização do 8 de Março como feriado nacional conferiu maior dignidade à abordagem da problemática. Eis-nos assim, uma vez mais, neste período comemorativo, mas também de avaliação a reflectir. Ainda que haja pela frente muitas jornadas em direcção à plena igualdade de direitos e oportunidades, assinalamos vitórias gratificantes.

Feliz Março Mulher!

AUGUSTO CUTETA

A mulher e os desafios na luta contra a Sida

Nos últimos anos, o Executivo angolano e seus parceiros têm travado uma batalha contra a expansão do VIH, um flagelo que afecta maioritariamente os jovens e com grande incidência sobre as mulheres.

As estratégias de prevenção contra a doença são renovadas de tempos a tempos, mas, parece-nos que a população ainda continua a não acreditar na existência do vírus, embora os media mostrem regularmente dezenas de histórias de pessoas infectadas e que lutam pela sua sobrevivência. E, por causa disso, o vírus se tem alastrado cada vez mais, afectando milhares de homens, mulheres, jovens e crianças, o que desestabiliza muitas famílias e, concomitantemente a economia, cuja mão-de-obra é maioritariamente jovem.

Pelas suas características, as mulheres, que constituem mais de 50 por cento da população angolana, são as principais vítimas do vírus, segundo especialistas. Este dado faz-nos crer que a luta contra o VIH e Sida não só é um dos maiores desafios do sector da Saúde, mas também das famílias e principalmente das mulheres.

Em Angola, as estatísticas ainda não são as mais fiáveis, mas dados do último relatório anual de 2015 da ONUSIDA referem que existiam cerca de 320 mil infectados pelo vírus, com as mulheres a liderarem a lista de seropositivos. Por isso, as mulheres (os homens também) devem reforçar o seu empenho na luta contra a Sida, uma pandemia que a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a "mais séria ameaça à estabilidade e ao desenvolvimento das nações".

O adágio popular 'Educar uma mulher é educar uma sociedade' vem reforçar a ideia de que é preciso instruir cada vez mais esta camada da população, para que a mesma também possa, ali onde estiver, levar a mensagem da necessidade da prevenção contra o VIH.

Como um dos principais sustentáculos de equilíbrio da sociedade, quer do ponto de vista político e económico, quer social e cultural, as mulheres devem constar sempre das prioridades das políticas do Governo, para que elas possam estar mais protegidas das doenças e beneficiarem de todo o tipo de assistência, no caso de contraírem o vírus.

É preciso que os programas de prevenção da Sida sejam cada vez mais capazes de dar respostas cabais aos problemas relacionados com a mulher e o VIH. Para isso, o Estado deve ajudar a potenciar financeira e tecnicamente estas organizações.

As acções de sensibilização devem envolver ainda mais as mulheres, acabando com "actos discriminatórios" na execução dos programas. Por exemplo, o preservativo feminino, o femidom, é quase desconhecido pela maioria das pessoas e, acreditamos, que boa parte nem sequer terá mantido algum contacto com este mecanismo protector de doenças e gravidez.

Embora a OMS considere que Angola tem conseguido bons resultados relativamente ao corte de transmissão vertical, ou seja, o não contágio do vírus de mãe para filho, defende-se o reforço das campanhas de sensibilização no seio das mulheres, jovens e adolescentes, principalmente nas escolas, igrejas, discotecas, mercados, centros comerciais e outros locais de grande aglomeração de mulheres e jovens.

E, nesse aspecto, a envolvência de mulheres conhecidas do grande público, com destaque para artistas, jornalistas, políticas, empresárias, escritoras, líderes religiosas e desportistas, entre outras, ajudaria em grande medida no trabalho de influenciar a mudança de comportamento e atitude das jovens mulheres, sobretudo na necessidade do uso do preservativo nas relações sexuais ocasionais.

Com uma das taxas mais baixas da África Austral, Angola regista um maior número de casos nas províncias de Luanda, Bié, Cuando Cubango e Cunene. Porém, é preciso mais investimentos na prevenção da doença, para manter a taxa ou impedir-se que haja novas infecções. As autoridades não podem dar-se ao luxo de diminuir as acções de intervenção, em função das estatísticas acima referidas. Pois, sabe-se que existem casos que não estão sob controlo dos serviços de saúde.

Esse e outros factores são suficientes para deixar claro que há ainda muito trabalho por fazer, principalmente no seio das jovens e adolescentes, numa altura em que o acto sexual é cada vez mais banalizado, o que traz consigo o aumento de novas infecções.

Neste sentido, todos os actores sociais são chamados a dar o seu contributo nesta luta contra um dos maiores flagelos do século passado, que continua a dizimar muitas pessoas no país, com as mulheres entre as grandes vítimas.

ARMANDO PULULO

Coordenação: Domingos dos Santos e Manuela Gomes • **Paginação:** Adilson Santos • **Pré-impressão e Impressão:** Edições Novembro-E.P
Projecto Gráfico: Albino Camana

Propriedade

EDIÇÕES NOVEMBRO E.P.
JORNAL DE ANGOLA | JORNAL DOS DESPORTOS

Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 |Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração
António José Ribeiro
(presidente)
Administradores Executivos
Victor Manuel Branco Silva Carvalho
Eduardo João Francisco Minvu
Mateus Francisco João dos Santos Júnior
Catarina Vieira Dias da Cunha
António Ferreira Gonçalves
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril
Administradores Não Executivos
Olímpio de Sousa e Silva
Engrácia Manuela Francisco Bernardo

FERNANDA MARIA

Uma vida dedicada ao volante

Há mais de duas décadas que transporta em veículos pesados mercadorias diversas para vários pontos das províncias da Huíla e Cunene

ESTANISLAU COSTA |

Uma demonstração prática de apelo à igualdade de género e a oportunidades iguais entre homens e mulheres porque o facto de se ser do sexo oposto não implica necessariamente a discriminação nas tarefas entre ambos. Por isso, são muitas as mulheres que vão à luta para romper as barreiras machistas.

O exemplo da mulher piloto nos aviões da companhia de bandeira nacional, a TAAG, figura como um dos casos que ajudam a compreender a igualdade de tratamento. Visionando mais à nossa volta, a lista de senhoras de sucesso é enorme, com realce para as que enveredaram nas especialidades de mecânica, engenharia civil, minas, electricidade, entre outros.

O Angolana descobriu numa das paragens do mercado paralelo do Mutundo, arredores da cidade do Lubango, dona Fernanda Maria, 60 anos, que conduz veículos pesados, actividade aparentemente reservada aos homens.

"Entregar essa responsabilidade a alguém mais jovem, nem pensar. Eu própria conservo melhor a máquina e lucro mais"

Há sensivelmente 24 anos que transporta em veículos pesados, mercadorias diversas para vários pontos das províncias da Huíla e Cunene. Neste momento, a sua viatura de marca Toyota Dina, de quatro toneladas e meia, está já cansada, mas, como confessa – ainda dá para uns biscates.

EDIÇÕES NOVEMBRO

Por cada viagem factura entre 50 a 60 mil kwanzas e conduz a uma velocidade de 80 quilómetros por hora

Dona Fernanda, natural de Curoca, província do Cunene, é mãe de oito filhos. Exerce a actividade comercial há 24 anos, preferindo dirigir a Dina para melhor controlo dos rendimentos e manter a longevidade do veículo. "O dinheiro que arrecado com o frete de mercadorias serve para sustentar os meus filhos".

Mãe, separada há mais de 14 anos, começou por fazer a rota Lubango-Ondjiva, cerca de 450 quilómetros, na época em que não havia autocarros. Actualmente, faz a rota Lubango-Curoca, três vezes por mês, num percurso de 480 quilómetros, e Lubango-Chibia, com uma distância de 45 quilómetros.

Transporta de tudo um pouco, entre animais, carvão, vestuário, bens industriais e outros. Na via do Curoca, Dona Fernanda leva três dias para atingir a localidade e, vezes há, em que quebra molas da viatura, também pega nos instrumentos mecânicos para ajudar o técnico a consertar.

Por cada viagem, factura de 50 mil a 60 mil kwanzas. Nas estradas reabilitadas, leva uma velocidade de 80 quilómetros por hora.

"Vou continuar a fazer a minha vida, tendo o Toyota Dina como fonte de rendimento. Entregar a responsabilidade a alguém mais jovem, nem pensar. Eu própria conservo melhor a máquina, até um dia o Ministério dos Transportes olhar para mim e agraciar-me com um novo", disse. Explicou que há quem se espante ao ver uma mulher conduzir uma carrinha carregada de mercadorias. "Quem acha isso normal são os meus clientes, que até são solidários em caso de haver alguma avaria no meu calhambeque em que a história da sua compra é longa."

Educada por um casal de madeirenses que regressou a Portugal em 1975, ela decidiu visitá-los em 1986. Encontra apenas o esposo, já que a mulher havia falecido, e decide trazê-lo para Angola. Para o efeito, tiveram que vender a casa que possuíam em Carcavelos. Posto no Lubango, também vendem a casa de Fernanda no bairro Tchioco e adquirem dois carros, dos quais a famosa Dina.

FAUSTINO HENRIQUE

Sociedade angolana é exemplar no género

No final do Século XIX e início do século XX nos Estados Unidos e na Europa, as lutas femininas por melhores condições de vida, trabalho, de voto, entre outros, ganhou dimensão e contexto que marcou definitivamente a forma como as sociedades ocidentais passaram a encarar a mulher. O mundo passou a despertar sobre a necessidade da emancipação da mulher como um complemento fundamental à liberdade do próprio homem e avanço da sociedade, tal como é hoje percebido no mundo moderno.

A Organização das Nações Unidas (ONU) designou 1975 como o Ano Internacional da Mulher e, em Dezembro de 1977, o oito de Março foi proclamado Dia Internacional da Mulher para lembrar as conquistas sociais, políticas e económicas das mulheres.

De facto, um pouco por todo o mundo tornou-se significativo o número de países em que o papel e direito das mulheres passou a ser um assunto de Estado, mobilizando toda a sociedade, mudando comportamentos e atitudes a favor do equilíbrio e igualdade. Estamos ainda longe do expectável em termos de metas a que a maioria dos Estados se comprometeu a atingir para reduzir significativamente os desequilíbrios de género, embora reconheçamos os numerosos avanços.

Em todo o caso, acreditamos que se trata de um processo que deverá levar o seu tempo, sendo o importante o balanço positivo que se faz a cada ano, dependendo da zona do globo, evidentemente.

Em Angola, com a devida excepção das diferenças culturais que não são poucas, é verdade, as mulheres angolanas estiveram sempre presentes ali onde os homens estiveram. Figuras como rainha Njinga, Kimpa Vita, Dona Ana Joaquina, Nyakatole Tchissengo, e muito recentemente heroínas como Deolinda Rodrigues, Irene Cohen, Engrácia Cabenha são o corolário do que se avançou acima. Milhares, entre conhecidas e anónimas, deram o seu melhor para que Angola conhecesse a Independência Nacional, garantisse a sua soberania, a integridade territorial e avançasse na direcção em que se encontra hoje rumo ao desenvolvimento.

Por isso, podemos dizer que a sociedade angolana avançou muito no sentido da melhoria da condição da mulher angolana, com conquistas que ajudaram a esbater numerosos desequilíbrios ao nível do género e que melhoram a vida em sociedade.

Quando se trata da promoção da igualdade de género, Angola possui uma Constituição inovadora na medida em que os preceitos constitucionais são bastante claros na sua enunciação. "O homem e a mulher são iguais no seio da família, da sociedade e do Estado, gozando dos mesmos direitos e cabendo-lhes os mesmos deveres", dispõe o número 3 do Artigo 35.º da Constituição da República.

É verdade que ao nível do costumeiro temos ainda muitos problemas, na medida em que em muitas comunidades rurais os casamentos precoces, o trabalho infantil, apenas para mencionar estes factores, representam ainda desafios. Mas as leis são claras quando defendem claramente a necessidade de observância e respeito escrupuloso pela dignidade da pessoa humana em todas as práticas e procedimentos na família e na comunidade.

Angola subscreveu numerosos Tratados e Convenções Internacionais. Alguns destes documentos incidem directamente sobre a vida da mulher tal como a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher.

A Lei 25/11 de 14 de Julho, a Lei Contra a Violência Doméstica, embora atenda o género e não necessária e unicamente a mulher como foco, não há dúvidas de que joga um papel muito grande na prevenção contra numerosos males de que a mulher é vítima. Não podemos perder de vista que, grosso modo, a maioria das vítimas da violência doméstica é constituída por mulheres e a transformação da violência doméstica em crime público foi um passo significativo e um alívio para muitas.

Hoje, um dos grandes desafios da sociedade passa pelos contínuos esforços da parte do Estado para melhorar o sistema de educação, incrementar igualdade de oportunidades para todos e aperfeiçoar o sector da saúde, sobretudo ao nível da componente materna e reprodutiva.

MULHER MILITAR

Arminda Camati trocou o jornalismo pela farda

SAMPAIO JÚNIOR | EDIÇÕES NOVEMBRO

A tenente Arminda Camati sente-se orgulhosa pela farda que veste

SAMPAIO JÚNIOR |

Licenciada em Jornalismo e mestre em comunicação, cultura e tecnologias de informação, Arminda Camati trocou o bloco de notas pela farda.

Tenente das Forças Armadas Angolanas (FAA), colocada na Academia Militar do Exército no Lobito, em Benguela, justifica que o desejo de ser militar, conta, começou desde tenra idade motivada pela disciplina e organização existente nas forças armadas. Determinada e ambiciosa, Arminda Camati pretende ascender na hierarquia militar, apesar de reconhecer que ainda tem muito que aprender no meio castrense. "Como oficial do Exército, a minha aspiração maior é chegar ao posto de comando do ramo, tendo em conta o trabalho e a disciplina no cumprimento do dever militar", argumenta, acrescentando que as relações entre homens e mulheres tornaram-se mais saudáveis e profissionalmente melhores a partir do momento em que elas passaram a ser mobilizadas para as forças armadas.

Arminda Camati defende que as mulheres sempre contribuíram positivamente e quebraram preconceitos, por isso é que no mundo existem vários exemplos de conquista de segmentos anteriormente inimagináveis para a mulher. "Era impensável uma mulher nas FAA, na aviação e hoje a mulher está a pilotar aviões. Acho que a igualdade chegou. Não vejo diferença nenhuma. Então, é sinal de orgulho", diz feliz.

> **"A minha maior aspiração é chegar ao posto de comando do ramo tendo em conta o trabalho e a disciplina no cumprimento do dever militar "**

A missão de defesa da soberania e da integridade territorial precisa contar com militares bem preparados, quer do ponto de vista académico como na vertente técnico-militar por isso, a tenente Arminda Camati diz estar pronta para o cumprimento deste dever. Essa oficial superior das FAA explica que enfrentou com muita naturalidade a recruta militar, que apesar de ser muito dura, lhe permitiu afirmar-se na vida militar. "É dali que colhemos as bases que nos guiarão até às unidades militares a que formos enviados", refere.

Apesar dos tempos serem outros, lembra que tem notado ainda alguma resistência por parte de alguns colegas homens que não lidam bem com a presença de uma mulher oficial superior. "A convivência actualmente dentro das FAA é bem diferente de antigamente, terminou a época em que os homens ingressavam num ambiente predominantemente masculino. Hoje, eles ingressam e encontram colegas mulheres no curso de formação militar. É a convivência dentro da igualdade de género".

Conciliar a vida familiar e a militar não tem sido fácil para ela, principalmente quando se exerce funções de chefia. "Não é fácil, mas tem sido possível equilibrar as coisas", afirma.

Já existem muitas mulheres na Academia Militar do Exército e Arminda Camati garante que elas sentem-se muito bem e o número tem vindo a aumentar. "Já não nos sentimos intimidadas", garante, mas considera que o número de mulheres participantes na vida activa do país ainda não é significante, numa altura em que são a maioria da população.

Cresce o interesse das mulheres em empreenderem na economia para o melhoramento da vida das famílias. Para a tenente Arminda Camati, a mulher foi e sempre será o pilar que sustenta a sociedade.

A oficial superior das FAA considera a violência doméstica, abandono do lar, fuga à paternidade, ameaça de morte , adultério, como fenómenos resultantes de uma sociedade sem orientação efectiva, onde não se aposta antes de mais na formação que contribua para a mudança de mentalidades. "As razões que estão na base destes problemas são de origem económica. Ou o marido não dá a assistência/contribuição necessária ou a mulher a nível de salário é superior ao marido." Arminda Camati aponta a falta de diálogo no seio das famílias como uma causa dos conflitos que se registam na sociedade.

MULHERES NO SISTEMA PRISIONAL

Guardiãs da segurança penitenciária

HELMA REIS |

Luísa de Oliveira, 35 anos, Domingas Monteiro, 31, Rosineide Xavier, 28, e Palmira Lemos, 33, acabaram, não por vocação, mas pela procura incansável de emprego e de uma vida economicamente estável, por se apaixonar pela farda. Hoje, elas são agentes penitenciárias de primeira classe do Destacamento Especial de Segurança Penitenciária (DESP), uma força de elite dos Serviços Prisionais altamente treinada para garantir com determinação a segurança das cadeias do país.

Nesta edição do caderno "Angolana", fomos conhecer a história de vida de mulheres corajosas que deixaram para trás as suas famílias e aceitaram o duro desafio de enfrentar os intensos treinos da recruta para serem admitidas nos Serviços Prisionais e fazerem parte do efectivo que garante a ordem e a tranquilidade dentro das cadeias a nível nacional.

A formatura começa às sete da manhã e cada uma delas deixa a sua casa por volta das quatro horas para poder estar cedo no local de trabalho, horário que, segundo elas, tem criado muitas dificuldades atendendo às tarefas que também têm como mães. Hoje, cada uma delas se sente orgulhosa do que faz e o seu maior sonho é poder fazer carreira dentro da corporação, dar continuidade aos estudos a nível superior, uma vez que muitas se viram obrigadas a abandonar os estudos devido ao longo período de formatura.

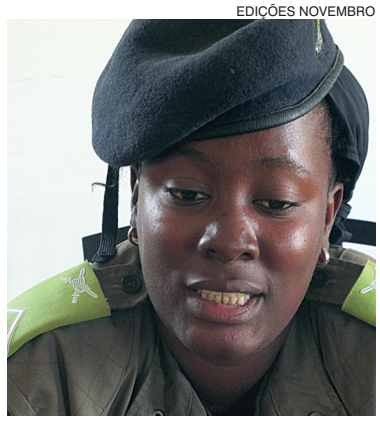
EDIÇÕES NOVEMBRO

Palmira Lemos é uma agente motivada

EDIÇÕES NOVEMBRO

Luísa de Oliveira quer ser comandante

EDIÇÕES NOVEMBRO



A recruta foi dura para Rosineide Xavier

Para além de pretenderem concluir os estudos, essas mulheres de bravura querem trilhar um caminho de sucesso dentro da corporação, onde o grande objectivo é serem um dia indicadas para as subunidades prisionais a serem criadas no país. "Caso sejam criadas novas subunidades da DESP, gostaria de ser comandante de uma delas, mas, para tal, vou continuar a trabalhar afincadamente e concluir a minha formação superior", diz Luísa de Oliveira. Além de prevenir o surgimento de rixas entre os reclusos, estas bravas mulheres estão sempre dispostas a cumprir com zelo as tarefas a si atribuídas, quer como escoltas de presos para o tribunal, quer na defesa do próprio grupo e na sensibilização dos detidos e presos para uma melhor convivência entre eles. "É um trabalho muito motivador e que exige muito de nós", sublinha Palmira Lemos.

Aos 31 anos, Domingas Monteiro ingressou no quadro de efectivos da Polícia Nacional, onde depois de terminar a recruta foi seleccionada para fazer parte do Destacamento Especial dos Serviços Prisionais (DESP), área onde durante seis meses fez a especialidade de Polícia de Intervenção Rápida (PIR).

"Depois de seis meses de recruta e muito sacrifício, é para mim, hoje, um orgulho fazer parte do corpo do Destacamento Especial de Segurança Penitenciária", afirma com satisfação Domingas Monteiro.

Rosineide Xavier é estudante do curso de Gestão de Recursos Humanos. Há três anos nesse destacamento, ela reconhece que é necessário muita força de vontade, paciência e coragem para se impor num mundo dominado por homens. "É uma tarefa díficil, mas não impossível", afirmou Rosineide Xavier, para quem é importante saber aquilo que se quer, porque a sua missão dentro da corporação requer muita responsabilidade. "A recruta foi muito difícil, mas o sacrifício valeu a pena", diz Rosineide Xavier.

Embora esteja hoje ligada a uma área operativa, Rosineide espera um dia desempenhar outras funções na Polícia Nacional, principalmente em recursos humanos que é a sua área de formação.

EMPRESÁRIA DE SUCESSO

Dedicação e perseverança são essenciais no mundo dos negócios

Maria Ambrósio apela às empresas a serem solidárias para com as pessoas mais necessitadas

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Empresária é defensora do apoio à mulher rural e às crianças órfãs

DOMINGOS DOS SANTOS |

O tempo parece não passar por Maria Ambrósio, uma empresária bem-sucedida, que aos 43 anos esbanja jovialidade, sensualidade e beleza de uma angolana natural de Malanje que com trabalho, dedicação e perseverança conseguiu alcançar o topo no mundo dos negócios.

De uns tempos para cá, é grande o número de mulheres que sonha em ascender profissionalmente e alcançar o topo, mas apenas uma minoria consegue se infiltrar nesse meio, ainda dominado pelos homens. O Angolana conversou com a empresária Maria Ambrósio ou simplesmente São Ambrósio, como é tratada pelos amigos, que, por meio de muito trabalho e dedicação, alcançou a administração de um importante grupo empresarial angolano com negócios no ramo da construção civil, pescas, indústria, mineração, entre outros.

A trajectória dessa mulher guerreira não foi fácil, pois ainda com 13 anos teve que deixar a sua terra natal para se fixar na frenética cidade de Luanda. Posta na capital, Maria foi viver com umas tias e começou a trabalhar num salão de cabeleireiro, onde apareceu uma senhora que gostou muito dela e a levou para trabalhar numa grande empresa que se dedica à comercialização de produtos alimentares.

"Foi daí que começou a minha vida empresarial, por isso é que digo que a mulher deve ser persistente, nunca ignorar o seu passado, porque é ele que nos torna fortes", diz referindo-se ao pai, de quem afirma ter-se inspirado para seguir carreira no ramo empresarial.

"O meu pai foi sempre um senhor muito batalhador e naquela altura já era comerciante que tinha a sua loja, os seus camiões e acredito que eu me inspirei nele", refere, considerando, por outro lado, a sua mãe "uma excelente senhora e a minha melhor amiga".

A ascensão no mundo dos negócios não surgiu de mão beijada , pois Maria Ambrósio, sendo a primeira filha de uma família de oito irmãos, teve que mostrar que era capaz de comandar uma grande empresa com competência e talento, não apenas por ter um rosto bonito. O segredo dela é trabalhar muito e amar aquilo que faz.

"O talento é o mais importante, mas só isso não basta, é preciso trabalhar muito para conquistar os objectivos", afirma a empresária que se considera uma "viciada" no trabalho.

Cidadã do mundo, Maria Ambrósio considera a mulher "uma dádiva" que Deus criou e a base da existência da sociedade. "A mulher é rainha, poder, a existência de tudo na vida", afirma a empresária, para quem é difícil ser mulher em Angola, devido aos vários obstáculos que dificultam a sua afirmação na sociedade.

"Infelizmente, não damos importância ao que é ser verdadeiramente uma mulher. A mulher na sociedade angolana é muito batalhadora para poder conquistar aquilo que pretende. Não é fácil ser mulher na sociedade angolana, ela é muito discriminada", lamenta.

Apesar dos obstáculos, o caminho é para a frente e os avanços registados com a emancipação da mulher são motivo de regozijo para a empresária, que foi ensinada desde criança a ter orgulho de si mesma.

"Felizmente, hoje já se vê muitas mulheres independentes, que lutam para alcançar os seus objectivos", sublinha ela, exortando a mulher angolana a não desistir dos seus sonhos e a ser forte e determinada.

"Para concretizar os nossos sonhos temos que batalhar e a mulher angolana é batalhadora, sacrificada, são mães e pais ao mesmo tempo. Isto não é nada fácil e desejo à mulher angolana muita coragem e que dias melhores virão", disse.

Angola é muito elogiada por ser um exemplo na promoção da mulher aos cargos de decisão. A empresária reconhece esse feito, mas defende que a afirmação da mulher não passa apenas pela ascensão aos cargos de decisão, mas também pela sua afirmação no domínio social, económico, empresarial e académica.

"Eu sou defensora do apoio à mulher rural, às crianças órfãs, às viúvas e tudo mais. Por causa disso, alguns amigos questionam o porquê não ser deputada. Eu digo não, porque para nós defendermos uma causa não precisamos de ser deputados ou ministros. Temos que ter consciência que as coisas estão mal e devem ser corrigidas", esclarece.

O lado maternal

A vida de Maria Ambrósio não é só os negócios. No final de cada jornada de trabalho, esta mulher que muitos pensam ser uma modelo, corre para casa ao encontro dos filhos, dois rapazes e uma menina. À nossa reportagem, conta que ser mãe é o papel mais adorável de desempenhar e por isso pretende ter mais filhos, de preferência gémeos, um sonho partilhado com o seu esposo. "Gosto de ver gémeos, é algo divinal. Sei que não é para todos, mas quando temos fé, as coisas acontecem", diz radiante.

Aos três filhos, que sonha ver formados e realizados, MariaAmbrósio tem transmitido muita experiência e exemplos de superação, e estes vêem nela uma mãe batalhadora, que, apesar de ser dona de casa e esposa, também trabalha.

"Essa é a mensagem que passo para a minha filha e vai fazer com ela cresça com esse espírito de trabalho, mas respeitando os deveres de família", justifica.

A empresária diz não se sentir ainda realizada, mas só o facto de ter vida, família, trabalho e amigos, já a tornam numa mulher realizada. Um dos objectivos que pretende alcançar, além da formação dos filhos, é ter os seus irmãos mais novos todos formados e cada um com a sua vida bem organizada. "Aí sim, me sentirei realizada, porque terei cumprido com essa missão", sublinha.

Maria Ambrósio tem uma ligação muito forte com Malanje e não fica um mês sem visitar a província da Palanca Negra Gigante, não só pelas obras que está a executar lá, mas também para matar a saudade dos pratos típicos da terra como o tortulho, que aqui chamam cogumelos, o catato e a quiahanza.

A filantropia tem ocupado também uma boa parte da agenda da empresária, que já tem estado a realizar várias acções de solidariedade em muitas instituições de acolhimento de crianças órfãs e lares da terceira idade em Luanda e nas demais províncias. Essas acções, explicou, resultam duma estratégia da empresa que pretende sempre partilhar parte dos seus lucros com os mais necessitados.

"Quando achamos que a empresa obteve resultados satisfatórios, não é nada prejudicial partilhar com os mais necessitados. Gosto de partilhar, acho que essa é a minha caracterização. Se as pessoas fossem mais solidárias, o mundo não estaria como está. Os seres humanos são muito egoístas. Neste mundo há vida e morte. Hoje podemos ter milhões e milhões de dinheiro, mas não sabemos o dia do amanhã, então porque é que não fazemos o bem? Devemos partilhar o pouco que temos com os mais necessitados, não custa nada", concluiu.

EDIÇÕES NOVEMBRO

LAURIELA MÁRCIA MARTINS

A garra e determinação de uma rapariga sonhadora

"A minha família encoraja-me a manter a minha humildade acima de tudo"

MANUELA GOMES

Angolana - Pode descrever-nos o momento em que decidiu concorrer ao concurso Miss Cabinda, que a levou ao Miss Angola, onde conquistou a coroa de mulher mais bonita do país, referente à edição de 2017?

Lauriela Márcia Martins - Foi o meu pai que me incentivou a participar num concurso de beleza, e com a força de outros familiares, tenho em referência as minhas primas. Eu ganhei coragem para entrar e participar. E daí, depois de ser escolhida para representar a província que me viu nascer, Cabinda, foi só rumar ao concurso que elege a Miss Angola, e felizmente fui contemplada com este grande título.

Angolana - Que conselhos úteis recebeu da sua família, antes e depois de participar nos dois concursos de beleza - o provincial e o de carácter nacional?

Lauriela Márcia Martins - A minha família sempre quis que mantivesse a minha humildade acima de tudo, que continuasse a ser esta pessoa que sou desde sempre, e com este meu carácter cativar as pessoas por isso e não por algo que o mundo muitas vezes espera que sejamos ou façamos.

Angolana - Quem participa num concurso de beleza, em qualquer parte do mundo, sabe os riscos da exposição mediática, sendo provável que seja sexualmente assediada. O assédio sexual é um assunto que a preocupa como mulher e porquê?

Lauriela Márcia Martins - O assédio sexual preocupa-me pela quantidade de pessoas que acham certo abusar da intimidade que lhes é dada. A mim como mulher infelizmente ainda considerada como um elo fraco e vulnerável por certas pessoas, tento ao máximo manter-me longe, mas graças ao Comité Miss Angola e também à educação que recebi da minha família tenho protecção para não ter que passar por situações dessas e outras que podem pôr em causa primeiro a minha integridade como mulher e também o título que com muito orgulho acarreto e defendo.

Angolana - Se já foi alguma vez assediada, antes ou depois da sua eleição, como conseguiu desembaraçar-se de uma situação tão incómoda como é o assédio sexual?

Lauriela Márcia Martins - Graças a Deus eu nunca fui assediada, e se algum dia for eu acho que vou manter a calma e exigir respeito da outra parte. Se eu não me respeitar ninguém o fará. Daí sempre querer manter a minha humildade, audácia e garra de mulher.

Angolana - Como vê o papel da mulher na sociedade angolana?

Lauriela Márcia Martins - A mulher angolana tem um papel muito importante na sociedade. Ver que hoje as mulheres conseguem estar em posições nunca antes aceites e que contribuem tanto quanto os homens deixa-me cheia de orgulho por fazer parte deste género e deste grupo que é a mulher angolana.

Angolana - O machismo que ainda está mascarado na nossa sociedade continua a ser, na sua opinião, um entrave ao desenvolvimento da mulher angolana?

EDIÇÕES NOVEMBRO

A beleza e a simpatia de mulheres de vários estratos sociais a florir o Março Mulher

EDIÇÕES NOVEMBRO

“ Todas as mulheres desde as zungueiras à Primeira-Dama da República, têm o meu respeito e admiração”

Lauriela Márcia Martins - Eu acho que sim, o machismo na nossa sociedade ainda está de várias formas mascarado, mas não há ninguém melhor do que nós mesmas para mudarmos isso e mostrarmos aos homens que também somos tão boas quanto eles.

Angolana - Em 41 anos de Independência Nacional, a mulher angolana já alcançou vitórias, um facto que salta, diariamente, à vista em vários sectores da vida económica e social. Você acha que ainda há barreiras que tentam impedir as mulheres de conquistarem novos horizontes?

Lauriela Márcia Martins - Eu acho que hoje em dia não há nada que nos impeça de chegar onde queremos. Primeiro defendo isso porque somos mulheres, temos poder para tudo aquilo que quisermos e idealizamos para nós. Tudo que fizermos basta ser feito com inteligência, coragem e paciência, basta acreditarmos!

Angolana - Como devem ser preservados e ampliados os espaços já conquistados pela mulher em Angola?

Lauriela Márcia Martins - Penso que podemos preservar e ampliar os espaços já conquistados pela mulher em Angola dando sempre o nosso melhor e da melhor maneira. Sermos ambiciosas torna-nos melhores. Acredito que nós mulheres ainda temos muito que mostrar ao mundo e particularmente a Angola e ainda vamos surpreender mais.

Angolana - Você é a quarta mulher de Cabinda a ganhar o Miss Angola, um disputadíssimo concurso de beleza criado há mais de vinte anos. Será que Cabinda é a capital da beleza angolana ou há um segredo a ser desvendado em torno dos bons resultados alcançados por Cabinda desde 1999, ano em que foi eleita Miss Egídia Torres?

Lauriela Márcia Martins - (Risos). Acho que a província de Cabinda é rica em tudo, desde as nossas riquezas naturais à beleza do povo, com particular realce para mulheres. Não há segredo nenhum, acho que em Angola há imensas mulheres muito lindas! Somos angolanas, esse é o segredo. Sinto-me lisonjeada e mais uma vez vencedora por ser a quarta mulher de Cabinda a ganhar o concurso de Miss Angola, um disputadíssimo concurso de beleza. Cabinda como também outras províncias é a capital da beleza angolana. Não muito que se revele em torno dos bons resultados alcançados por Cabinda.

Angolana - Quando foi eleita, em Dezembro de 2016, anunciou que daria continuidade aos trabalhos das Misses anteriores. Sendo muitas as predecessoras, que trabalhos vai executar como prioridade durante o seu mandato e porquê?

Lauriela Márcia Martins - Durante o meu mandato vou apoiar o Centro de Oncologia e a luta contra o HIV e sida, são estas para mim causas importantes.

Angolana - Fruto da emancipação, as mulheres mostram, hoje em dia, a sua competência em sectores ainda dominados pelos homens. Rotular a mulher como "sexo frágil" já é um grande equívoco?

Lauriela Márcia Martins - Em primeiro lugar, nós mulheres não somos frágeis como muito se diz. Temos é que deixar o passado para trás e olhar para as coisas de uma maneira melhor, olhar de outra perspectiva, a cada dia que passa mostrarmos que temos capacidade como qualquer outra pessoa e melhor ainda, de saltos altos.

Angolana - Sendo uma estudante de Arquitectura e Urbanismo, como vê a sustentabilidade do desenvolvimento urbano de Angola?

Lauriela Márcia Martins - Acho que nisso o nosso país está bem, mas podemos estar melhor. Acredito que Angola tem muito que explorar e temos pessoas capacitadas para isso e para muitas outras coisas. Rumo ao desenvolvimento!

Angolana - Quais são para si as grandes referências femininas em Angola e no mundo com trajectórias de vida que galvanizam as mulheres a construírem uma identidade de sucesso naquilo que fazem profissionalmente?

Lauriela Márcia Martins - As mulheres todas, desde as nossas zungueiras à primeira dama do país, Ana Paula dos Santos, têm o meu respeito e admiração, a minha mãe como mulher guerreira que também respeito e admiro-a mais do que tudo na vida e a ela e todas as mulheres dessa imensa Angola desejo um feliz Março Mulher!

A mulher mais bonita de Angola mostra o seu espírito de maternidade

EDIÇÕES NOVEMBRO

ODETH NETO

A diva que dá "brilho" a outras mulheres

A jovem maquilhadora é proprietária de dois ateliers um na centralidade do Kilamba e outro na Marginal de Luanda

O empreendedorismo é uma opção viável para quem quer fazer negócios e criar algo que pode transformar a vida das pessoas

Odeth Neto já trabalho na banca e jornalism

DOMINGOS DOS SANTOS |

Força e fé são para Odeth Neto os pré-requisitos para uma mulher que quer abrir o seu próprio negócio. Numa conversa descontraída, divertida e informal com o suplemento Angolana, a jovem de 33 anos, proprietária do atelier de maquilhagem Brilho de Mulher, considera-se uma "Diva", que com o seu trabalho dá brilho ao rosto de outras mulheres.

A alegria, beleza, inteligência e a humildade são as características que se evidenciam em Odeth Neto logo no primeiro contacto, mas a força, determinação e fé são para ela os três pilares para ter sucesso no mundo dos negócios, onde sem foco e ousadia não se obtém resultados positivos.

"A sensibilidade, intuição feminina e atenção aos detalhes são características da mulher que contribuem para o sucesso no mundo dos negócios."

Há seis anos, um anúncio de curso de maquilhagem profissional no centro de formação Gestinfor publicado na rede social Facebook, permitiu a Odeth Neto, que na altura tinha acabado de dar à luz uma menina, descobrir a sua verdadeira vocação, pese embora, quando se inscreveu, não tivesse a intenção de ter um atelier de maquilhagem. "Encontrei a minha vocação. Tudo na minha vida será agora na área de maquilhagem, porque é algo que me identifica bastante", conta Odeth, mãe de uma menina de seis anos, que desde os quatro acompanha a mãe nessas andanças.

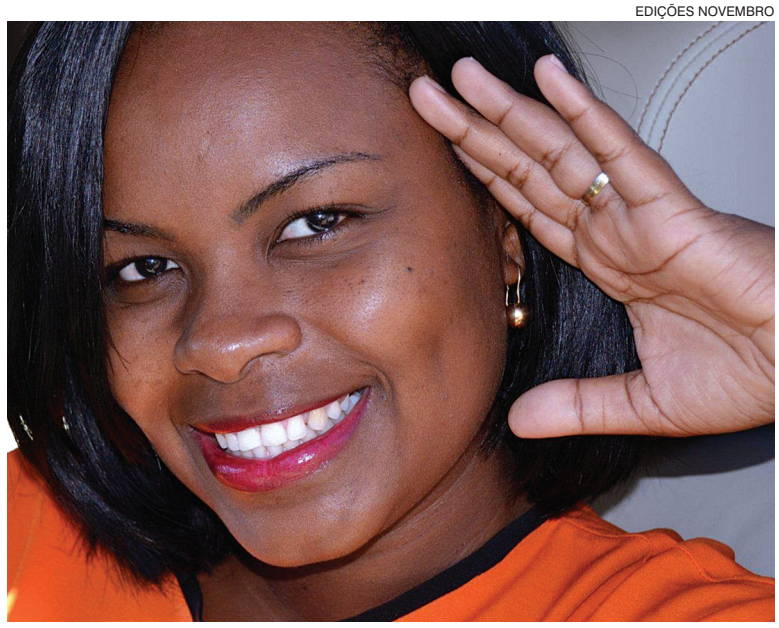
A adesão ao seu atelier tem sido muito grande, uma bênção como a própria diz, mas ela almeja voos mais altos num segmento de negócio em franco crescimento no país. "Para quem está a começar, só tenho de agradecer. Tenho uma clientela muito boa que já é da casa e que traz sempre mais e mais novos clientes", confessa, elogiando a maquilhadora e apresentadora de televisão Judy da Conceição, a quem chama de visionária, por ter sido uma das primeiras a apostar nesse tipo de negócio. "Antes de todo mundo apostar nesse segmento de negócio, ela deu um grande passo e já tem uma carreira consolidada no ramo, algo que estou muito ansiosa por fazer. Há cada vez mais concorrência nesse ramo", frisa.

> **Um anúncio na rede social Facebook sobre a realização de um curso de maquilhagem levou-a a descobrir a sua verdadeira vocação**

Antes de "tropeçar" na sua verdadeira vocação, a jovem maquilhadora trabalhou na banca, em jornalismo e na aviação civil. Trabalhar nessas áreas, conta, foi uma "experiência muito boa", pelo facto de lhe terem tornado numa excelente profissional.

"A formação de maquilhagem que dou hoje é, em parte, graças à experiência que acumulei ao trabalhar nessas áreas, pois em cada uma delas tive uma formação, que hoje me ajuda nas aulas que dou às minhas formandas no curso de maquilhagem. Na aviação há o rigor, na banca a mesma coisa e no jornalismo o poder oratório, que nunca foi o meu forte", diz.

EDIÇÕES NOVEMBRO



Jovem considera que ser mãe é amar e ser amada incondicionalmente

O rosto de Odeth reflecte as experiências de quem já enfrentou o universo do empreendedorismo, uma vez que ela, antes de abrir os dois ateliers que possui, o primeiro na Centralidade do Kilamba e o segundo na Marginal de Luanda, teve uma roulotte onde vendia hambúrguer, cachorro quente e bebidas, mas que acabou por fechar.

"O empreendedorismo é uma opção viável para quem quer fazer negócios, estar mais perto da família e, acima de tudo, criar algo que pode transformar a vida das pessoas", considera, alertando, no entanto, que o facto de se ter um negócio próprio, não significa trabalhar menos, mas sim dedicar-se e criar novas ideias, colocá-las no papel e realizá-las. "O mundo dos negócios ainda é um ambiente bastante hostil para as mulheres", constata, mas exorta as mulheres a lutar contra os modelos de trabalho ainda predominantemente machistas e a conquistar a própria independência e liberdade. Acho que antes de tudo a mulher precisa de ter coragem de acreditar em sim mesma, para que outros a possam valorizar", defende.

Amor incondicional

Ser mãe, para ela, é ter alegria, esperança no futuro e amar e ser amada incondicionalmente. "A partir do momento que se é mãe, ficamos a saber o verdadeiro sentido do amor. Sem a minha filha não vivo. Somos muito ligadas. Numa única palavra ser mãe é amor incondicional", defende.

O mesmo brilho que irradia ao falar da filha também é notado quando se refere à sua progenitora, que considera a pessoa mais fantástica que tem na sua vida. Por isso, não é em vão que diz que quer ser para a sua filha aquilo que a mãe foi para ela ou seja amiga e companheira. "Na me imagino sem a minha mãe, ela é um suporte eterno", sublinhou.

Outra mulher que teve grande influência na sua vida, é a sua madrasta, a quem trata de "boadrasta", por a ter levado para Portugal numa altura em que o país vivia uma situação de guerra e ter proporcionado uma educação e ensino de qualidade. "Vivia com o meu pai e a minha madrasta, que decidiu voltar para Portugal e achou por bem levar-me porque era o ideal no sentido de ter uma educação igual aos meus irmãos que nasceram e viveram lá.", explica.

Uma batalha constante

Ser mulher em Angola é para Odeth Neto uma batalha constante contra o preconceito e as adversidades de um país bastante machista, conservador e onde a mulher é sempre a culpada e os homens sempre as vítimas. "Isso me deixa um bocadinho triste", diz.

Apesar desse cenário, a jovem empreendedora reconhece ter havido avanços para a verdadeira afirmação da mulher na sociedade angolana, sem no entanto deixar de frisar que é longo o caminho a percorrer para o reconhecimento total do papel da mulher na sociedade. "Cheguei a Angola há dez anos, uma vez que estive a viver em Portugal também durante dez anos, e noto mudanças visíveis na valorização da mulher, tudo graças à globalização e acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, que permitiram à mulher ter uma perspectiva real daquilo que são os seus direitos", explicou.

O tempo que viveu na Europa permitiu-lhe ter uma perspectiva diferente daquela que tinha antes. Segundo ela, na Europa, a mulher já é criada a pensar na sua independência e foi, por isso, que aos 18 anos começou a trabalhar, primeiro em restauração, e depois num salão de cabeleireiro. "Em Angola tem sempre quem lhe dá a mão. Quando cheguei, fiquei chocada, os jovens casavam e continuavam a viver em casa dos pais ou dos sogros. Felizmente, isto está a mudar e está a fazer muita diferença.", considera, sublinhando que essa mudança deve-se à criação de algumas condições como de habitação e trabalho que vieram dar certa independência à juventude.

A mulher e o álcool

O consumo de bebidas alcoólicas pela juventude, principalmente pela mulher, deixa Odeth Neto triste, na medida em que o país está a perder uma grande força activa preponderante para o seu desenvolvimento socioeconómico. "O álcool é uma droga que mata lentamente, mas as pessoas não têm consciência disso. Destrói lares e desestrutura a sociedade. Quanto à mulher, hoje há quem diga que estão a beber mais que os homens e isso é mau", frisou Odeth Neto, que apesar disso, acredita que as coisas vão mudar para melhor. "Tudo isso vai mudar, pois esta é apenas uma fase".

EDIÇÕES NOVEMBRO

Ser mulher em Angola é uma batalha constante contra o machismo

PUBLICIDADE

ODETH TAVARES E AZNAIDE CARLOS

“Pérolas preciosas” do andebol africano

As duas andebolistas fazem parte de duas gerações distintas da Selecção Nacional

TERESA LUÍS |

A mulher já inspirou muitas canções, é tema de grandes textos literários e telas de pintores de todas as épocas. Neste 8 de Março, o suplemento Angolana ouviu a antiga andebolista do 1º de Agosto Odeth Tavares e a meia-distância Aznaide Carlos, jogadora do Petro de Luanda e da Selecção Nacional sénior feminina da modalidade.

Proposta recentemente para desempenhar o cargo de deputada da bancada parlamentar do MPLA, Maria Odeth Sanches Tavares, ou simplesmente, Odeth Tavares é uma figura do desporto nacional, em particular do andebol que dispensa apresentações.

Após uma carreira desportiva recheada de êxitos, iniciada no Nacional de Benguela e passagens pela Enana e 1º de Agosto, hoje, a antiga atleta destaca-se no dirigismo desportivo, com a função de presidente da Associação da Mulher e o Desporto (Amud).

“A indicação para o cargo de deputada do MPLA é resultado de um trabalho de equipa. Sinto-me regozijada e agradeço a todos que durante anos trilharam comigo desde a base até à Selecção Nacional”, diz com satisfação.

Odeth Tavares defende que actualmente as mulheres são mais valorizadas pela sociedade, por isso devem ser vistas como parceiras e nunca como adversárias. Mas reconhece que, embora haja mudança, ainda há muitas a passarem por dificuldades para se firmar.

“Já demonstrámos, em diferentes áreas do saber, o nosso potencial. Caso seja possível, podemos chegar longe, mesmo que outros pensem o oposto. O assédio sexual e acesso à formação académica são alguns dos obstáculos. É fundamental que a sociedade paute pelo respeito e ética, em vez de atitudes e comportamentos menos correctos”, defende Odeth Tavares.

Sobre a data de hoje, a presidente da Amud encara como uma data de reflexão sobre os ganhos alcançados pelas mulheres no mundo actual, resultantes da atitude de outras que, no passado, reivindicaram melhores condições salariais e de trabalho.

“Infelizmente, a reclamação culminou com a morte de um número considerável de mulheres. Além de comemorativa, a data deve servir para reflectirmos sobre os feitos conquistados até aqui e onde podemos melhorar. Aquela tragédia marcou o mundo. Hoje, a sociedade mudou e está cada vez mais aberta às nossas contribuições. Actualmente, ocupamos cargos de destaque, para os quais estamos habilitadas”, frisa.

Ainda sobre a importância da mulher, a dirigente desportiva destacou que, além de serem progenitoras, dom dado por Deus, elas estão sempre ao lado dos homens para juntos trabalharem na edificação do país. “Em algumas situações, estamos à frente, por exemplo, quando precisamos de endireitar a camisa do marido. Somos especiais e únicas.”

Odeth Tavares lamentou o facto de alguns homens ainda pensarem que o lugar da mulher é na cozinha. “Devemos ficar onde quisermos. Certa vez, fomos à Tunísia disputar o africano e as únicas mulheres que estavam no campo éramos nós. Não era permitido às mulheres assistirem o jogo. Estamos a conquistar o nosso espaço de forma paulatina, com vista à igualdade no género.”

A indicação para deputada é resultado de um trabalho de equipa e de um logo caminho, trilhado da base até à selecçao nacional de andebol

Carreira de sucesso

Sobre os feitos a nível do andebol, Odeth Tavares afirmou que poderia ter feito mais pela modalidade mais titulada do país, mas pretende contribuir através da formação, desafio que pretende atacar com a maior brevidade.

“Quero trabalhar com as camadas mais jovens e ajudar na formação de outras guarda-redes. Não posso guardar o conhecimento adquirido.” Enquanto atleta, a dirigente desportiva disse não ter encontrado dificuldades para se firmar na baliza do 1º de Agosto e da Selecção Nacional, por causa das brincadeiras da infância. Com 16 anos, integrou a selecção júnior e participou em torneios internacionais e campeonatos mundiais.

A sociedade desenvolve-se com contributo das mulheres, por isso é que educar uma rapariga é educar uma sociedade

Aos 20 anos, foi convocada para a selecção sénior, mas levou algum tempo para ser titular, situação que a motivou a continuar a trabalhar. Por causa dos feitos alcançados, a antiga jogadora é sempre reconhecida, situação que às vezes a deixa emocionada.

Com o cargo de dirigente desportiva na Associação da Mulher e o Desporto, Odeth Tavares ganhou experiência no dirigismo. “A Amud foi criada no Comité Olímpico Angolano. Converso com muitos dirigentes e aprendo com todos. Agradeço por estar aqui, é o que eu gosto de fazer. Na Amud, pretendo continuar a trabalhar para que a associação seja mais visível. Queremos contar com integração de pessoas de todos os estratos da sociedade, mulheres e homens. Venham ter connosco e abracem a nossa causa”.

“Deusas na terra”

De 26 anos de idade, a concluir o ensino superior no curso de Jornalismo na Universidade Metodista, a andebolista Aznaide Carlos é uma peça fundamental na manobra da equipa do Petro de Luanda e da Selecção Nacional sénior feminina de andebol. Recentemente, a jogadora contribuiu para a conquista do 12º título africano, prova disputada no Pavilhão Arena do Kilamba.

Sobre a valorização da mulher na sociedade, Aznaide Carlos afirmou que, desde o final do século XX e início do XXI, as mulheres têm sido cada vez mais valorizadas, facto que lhes permite garantir uma formação nas distintas áreas do saber e consequentemente a ocupação de cargos de destaque, anteriormente só ocupados por homens.

“Enquanto seres humanos, homens e mulheres têm direitos iguais, embora nos dias de hoje a realidade seja mais visível. Fruto do nosso empenho, estamos bem encaminhadas. A sociedade desenvolve-se com o contributo das mulheres de uma forma geral, não importa a área de actuação. Não é mero acaso o provérbio segundo o qual, educar uma rapariga significa, educar uma sociedade.”

Ciente dos obstáculos pelos quais as mulheres passam para consolidar a sua carreira, a jogadora do Petro de Luanda disse que enfrentam de tudo um pouco, desde o básico ao complexo.

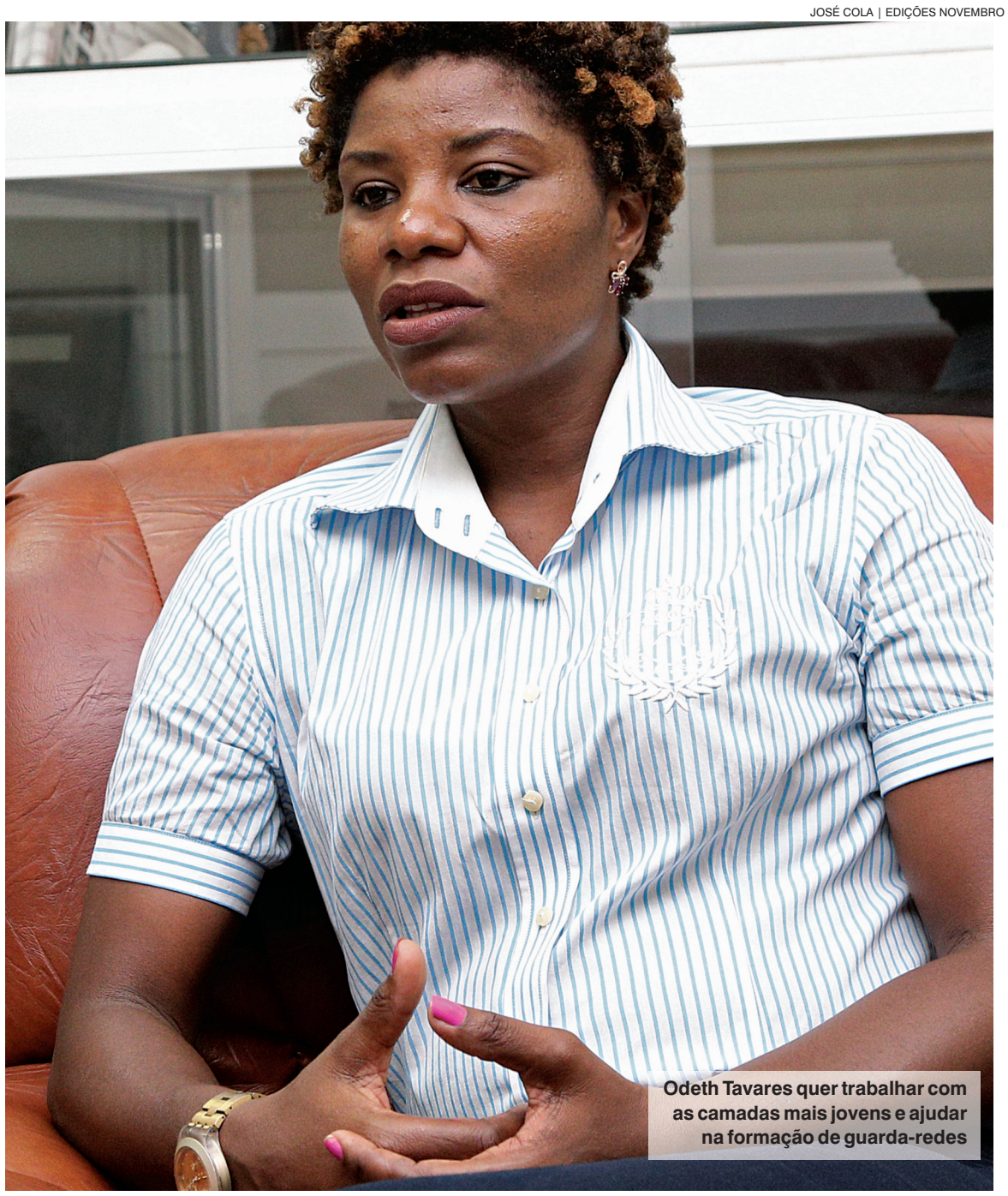
“Dificuldades para pagar uma propina da faculdade. Quando somos mulheres, precisamos de provar mais de uma vez que somos capazes. Há áreas em que a presença feminina não é bem aceite. Incomoda mesmo.”

Para inverter o quadro, a meia-distância direita da Selecção Nacional defende a necessidade de as mulheres manterem uma postura correcta baseada no carácter, com aposta séria na educação e instrução.

“De contrário, tudo fica mais complicado. Se apostarmos na nossa formação, cedo ou tarde colhemos os benefícios e não precisamos de depender de outros para alcançar aquilo que pretendemos. Todas as mulheres são capazes de chegar longe, desde que estejam empenhadas.”

Questionada ainda sobre a importância das mulheres, Aznaide Carlos argumentou: “Somos deusas na terra. Além de mães, somos filhas, irmãs, tias e avós. Deus nos incumbiu uma missão especial: trazer pessoas ao mundo, por isso somos especiais. É uma honra. Sabemos o quanto valemos.”, concluiu a andebolista.

JOSÉ COLA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Odeth Tavares quer trabalhar com as camadas mais jovens e ajudar na formação de guarda-redes

Valorização da mulher

Em relação aos passos a serem dados no sentido de melhorar cada vez mais a valorização da mulher: "Precisamos de acreditar mais em nós e no nosso potencial. Somos capazes, mas além disso precisamos de provar. Só assim vamos conseguir nos firmar."

Aznaide Carlos integrou a selecção júnior com 16 anos, na época convocada pelo treinador Vivaldo Eduardo. "Zica", como é carinhosamente chamada pelos mais próximos, disse que foi difícil integrar o grupo, mas foi proveitoso alinhar com as atletas mais destacadas da época.

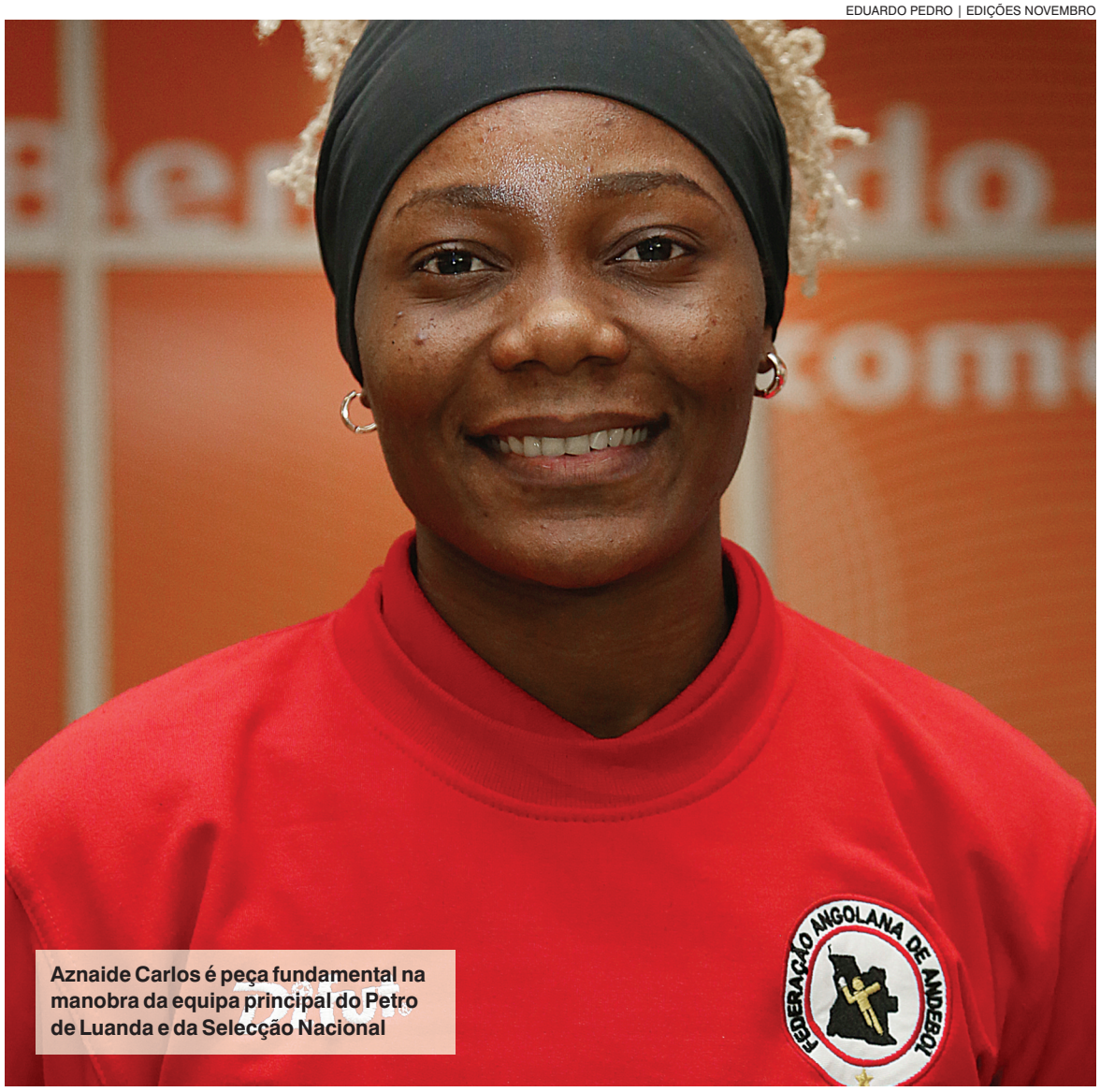
"Tive a oportunidade de jogar com grandes nomes do andebol continental e mundial. Marcelina Kiala, Nair Almeida, Bombo Calandula, Odeth Tavares e outras. Com 17 anos, ter de lutar por um lugar na selecção era improvável. Eu não estava a me ver, nem eu mesma queria lá estar. Sabia das dificuldades que enfrentaria e a qualidade das outras jogadoras."

Por ser muito jovem na época, Aznaide Carlos achou que não merecia estar na selecção, mas aos poucos ganhou maturidade competitiva e destacou-se no grupo. "Além de ser muito nova na altura, não tinha qualidades. Competir ou discutir um lugar era algo muito difícil. Com o passar do tempo, consegui me firmar naquela posição e agradeço pela confiança e todas as pessoas que trabalharam comigo."

A atleta disse não ter sido fácil chegar ao topo, mas reconhece que quando se quer muito alguma coisa, o empenho é fundamental para se alcançar a meta. "Com trabalho, chega-se sempre longe. A principal dificuldade foi ter de crescer. Todos podemos querer fazer, mas o assumir e dizer eu sou capaz é mais difícil. A vida de jogadora depende de resultados."

Enquanto atleta, Aznaide Carlos garantiu que pretende continuar por mais alguns anos, embora não saiba quantos mais, mas vai procurar fazer melhor para continuar a levar o nome de Angola mais longe. Em relação aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, onde a selecção alcançou a qualificação inédita para os quartos-de-final, disse: "Sabíamos que estávamos na série da morte onde estavam as campeãs. Com humildade, fizemos a nossa parte. Resultou bem e quando estávamos em campo não queríamos saber com quem jogávamos. Demos o nosso melhor."

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Aznaide Carlos é peça fundamental na manobra da equipa principal do Petro de Luanda e da Selecção Nacional

PUBLICIDADE

centrooptico®
Você nunca viu nada assim

PORQUE
ELAS
MERECEM...

MARÇO
MÊS DA
MULHER

NA COMPRA
DE ÓCULO GRADUADO
COM LENTES ANTIREFLEXO
DA ANA HICKMANN
OU HICKMANN

8

OFERTA
DE ÓCULO DE SOL
DA MESMA
MARCA

Lesliana Pereira

CAMPANHA VÁLIDA DE 01 A 31 DE MARÇO DE 2017, SALVO RUPTURA DE STOCK.

LOJA/SEDE ZÉ PIRÃO: Av. Ho Chi Minh, nº 356-358
LOJA GOLFE 2: Estrada Pedro de Castro Van Dunem "Loy"
LOJA SAMBA: Rua do Samba, nº 60 - Bairro e Municipio Samba
LOJA QUIOSQUE: Aeroporto Doméstico - 4 Fevereiro, zona partidas

geral@centroopticoangola.com
www.centroopticoangola.com
centroopticoangola
940 301 575

A MULHER E AS ARTES

Carreiras sólidas e convicções fortes

JOAO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Eva Rap Diva ganhou e tornou-se numa das maiores vozes desse estilo musical no país

ALEXA SONHI |

A nítida beleza facial e o brilho no olhar são iguais ao das demais mulheres africanas, e quiçá do mundo. A firme atitude feminista, determinação verbal e talento dentro de um estilo musical, em que é comum ver-se mais homens a despontarem, confere-lhe distinção entre mulheres e torna-a uma diva no meio de um universo predominantemente masculino.

Eva Cruzeiro Alexandre de nome artístico "Eva Rap Diva" ou "Rainha Ginga do Rap" começou a desenvolver o gosto pelo estilo musical aos 12 anos, num grupo musical composto por rapazes, onde a prática do "Free-style" (estilo livre), também conhecido como "rompimento", era o costume entre os jovens.

Neste andar, Eva Rap Diva ganhou prática e tornou-se numa das maiores vozes do rap angolano. Três anos depois, a Diva do Rap angolano gravou a sua primeira música e a partir daí, nunca mais parou, somando pontos que lhe valem admiração.

Tanto da parte dos homens, como das mulheres da música e não só. Como também por ter a plena noção da sociedade onde se encontra, e defender com firmeza as suas convicções.

Questionada sobre o Dia Internacional da Mulher, a cantora disse que nos dias de hoje, já se nota uma maior preocupação em questões relacionadas com a mulher. "No passado, as mulheres angolanas sempre tiveram participação activa nas conquistas do país. Daí a razão de encontrarmos na história de Angola nomes como a Rainha Njinga Mbandi, Deolinda Rodrigues, e outras que activamente lutaram para o alcance da Independência Nacional", disse.

Para a Diva do Rap, até as mulheres domésticas desempenham um papel importante na sociedade, por diariamente cuidarem da casa e dos filhos. Orgulhosa, Eva citou que com muitos esforços, Angola está à frente de muitos outros países africanos, no que toca à valorização das mulheres na sociedade.

Independentemente disso, para ela ainda há muito por se fazer à volta dos direitos das mulheres. "Ainda vemos muitas que sofrem, para se destacarem devido ao machismo, assédio e a descredibilização que muitos homens aplicam propositadamente".

A título pessoal, Eva Rap Diva explicou que pelo estilo musical que canta, teve muitas dificuldades para se impor e conquistar o mercado musical. "Houve muitos comentários, do tipo "ela está armada que canta rapper, mas daqui a pouco arranja namorado e desiste. Ela canta, mas não escreve as letras. Ela é mulher e não serve para o estilo. Devia optar pelos estilos Kizomba ou Semba, entre outros exageros que enfrentei. Fui muito desvalorizada por ser mulher neste estilo musical", contou.

> **"No passado, as mulheres angolanas, como Rainha Njinga e Deolinda Rodrigues, tiveram participação activa nas conquistas do país"**

A cantora conta que poucos empresários investem nas vozes femininas. Quando apostam mostram alguma outra intenção, que "deve" terminar em namoro ou envolvimento sexual. E quando não correspondido, a artista encara inúmeras dificuldades que a impedem de crescer e firmar-se como tal.

Particularmente, Eva Rap Diva conta que no início da carreira, encontrou muitas dificuldades para conseguir empresários que apostassem em si. Por conta disso e também por optar pela preservação dos valores morais, nunca antes teve patrocínio. Sempre trabalhou por conta própria.

Recentemente, a cantora assinou um contrato com a produtora musical Step Music, e conta no próximo dia 11, lançar o seu novo álbum intitulado "Eva".

Questionada sobre as suas letras, a rapper disse que elas resultam de vivências diárias com a mãe e a avó. Tem como grandes referências musicais as cantoras Yola Semedo (angolana) e a rapper norte-americana Lauren Hill.

Reconhecimentos

A diva do rap diz que sente muito o reconhecimento da sociedade angolana. Por onde quer que passe, "noto que as pessoas me respeitam. Outras dizem que são meus fãs, que me admiram...! O que mais me interessa é a admiração, por ser mais abrangente e ter a ver com o meu carácter. Isso me envolve mais do que alguém que goste das minhas músicas".

A título de exemplo, a cantora contou à nossa reportagem, que um belo dia, enquanto estacionava o carro, parou no meio da estrada, uma senhora já de idade, causando um pequeno engarrafamento. Desceu e foi ter com ela para dizer que a admira

muito, não apenas, pelas músicas, mas pelas posições que defende.

"Por isso, a sociedade pode esperar de mim mais trabalho e dedicação", disse, anunciando a sua digressão em pelo menos 10 províncias para apresentação do novo disco e realizar depois um grande show em Luanda ainda este ano. Pretende também trabalhar com outras rapper femininas que estão a começar e precisam de ajuda para se firmarem no mercado.

Eva Rap Diva diz que vive muito bem das suas músicas, apesar de ainda não darem tanto lucro assim. Mas com um pouco mais de organização é possível, sim, viver. "Porque se existem pessoas que conseguem viver com 30 mil kwanzas, então o artista musical pode sim viver da música", afirmou.

Além da música rap, Eva é radialista da Rádio Luanda. E faz web marketing para algumas empresas locais. Em termos académicos, a cantora é estudante do curso de Direito, numa universidade privada do país e seu grande sonho é ser magistrada do Ministério Público.

Belas Artes

Da arte musical passamos para a pintura, estilismo, apresentação televisiva e formação em organização e gestão de empresas. Tudo isso são formações encontradas no curriculum da tão conhecida Yana Van-Dúnem que, numa conversa bem descontraída com o suplemento Angolana, contou o seu percurso artístico, até conquistar o mercado angolano. Formou-se em Belas Artes nos Estados Unidos da América, na década de 80.

Yana Van-Dúnem defende que hoje existem mulheres analfabetas com muito sucesso empresarial, como também há mulheres com algum nível intelectual vivendo muitas dificuldades, tudo por falta de oportunidades. Mas hoje, diz, tem havido espaço para as mulheres poderem demonstrar o seu real valor.

Apesar disso, Yana Van-Dúnem considera que há muita coisa a ser melhorada no país em relação à mulher. "Infelizmente não utilizam o QI, como coeficiente de inteligência e sim, como coeficiente de indicação. Muitas mulheres que se esforçam imenso, para se formarem e terem competências, ficam frustradas por saberem que não têm oportunidades, para aplicarem tudo o que aprenderam na escola. Exactamente por serem mulheres ou não terem padrinhos na cozinha", disse.

Para ela, as mulheres quando exercem algum cargo de chefia enfrentam muitos problemas, na medida em que os homens não as querem respeitar. Pensando sempre que nasceram para serem subordinadas e estarem na cozinha, sujeitas a situações de submissão. "Por isso, apelo aos homens a reflectirem melhor sobre isso.

"Há mulheres analfabetas com muito sucesso empresarial e outras com nível intelectual viverem muitas dificuldades por falta de oportunidades"

E quando sentirem que têm ao seu lado uma mulher com capacidades, devem valorizar. Porque se assim o fizermos, saberemos dividir melhor as nossas riquezas e, quem sabe, teremos um país com mais prosperidade. Porque educar uma mulher é educar uma sociedade", salientou a artista.

Em relação à data que hoje se assinala, a nossa interlocutora, que também é formada em Organização e Gestão de Empresas, com especialidade em Contabilidade e Finanças, agradece às autoridades mundiais, por instituírem um Dia dedicado à Mulher, defendendo que todos os dias devem pertencer às mulheres, desde 1 de Janeiro a 31 de Dezembro.

"Porque somos mães todos os dias, guerreiras, donas de casa! Somos mais fortes na doença, na dificuldade em relação aos homens. Sendo assim, precisamos de ser amadas e desejadas todos os dias".

Dificuldades

"A Bíblia diz que no decorrer das nossas vidas teremos sempre quedas, e que depois da tempestade vem a bonança. Eu já tive muitas dificuldades nessa vida. Tive de trabalhar muito para ser uma pessoa reconhecida por aquilo que faço. Fui antes reconhecida no estrangeiro. Só depois de muito tempo fui reconhecida em Angola".

Yana garante que já foi muito humilhada, por pessoas de destaque a nível do país. Disseram-lhe que não tinha capacidade para fazer certas coisas e que não iria a lado algum com as Artes.

Com o passar do tempo e, fruto de muito trabalho e dedicação, Yana Van-Dúnem recebeu na cidade de Nova Iorque o prémio de Artes Africanas 2001. E foi uma das artistas africanas na República Dominicana a fazer um discurso sobre a Arte angolana e africana, dentro de um auditório onde estavam presentes responsáveis de vários países do mundo. Yana Van-Dúnem tem igualmente um quadro em leilão há cinco anos na Argentina.

No país que a viu nascer o reconhecimento aconteceu apenas em 2013, com o prémio carreira de moda; prémio Fenacult 2014 e Moda Belas 2016.

Ganhou vários diplomas de mérito, pelos quadros pintados e roupas, que passaram em vários eventos de moda nacional.

Por isso, apelou às mulheres a trabalharem mais, respeitarem-se, a exigirem cada vez mais os seus direitos, com humildade; nunca baixarem a cabeça por ninguém e acreditarem que, com ajuda de Deus, tudo é possível.

Yana Van-Dúnem explica que apesar da Arte dar algum dinheiro, ela não vive apenas disso. Possui também uma empresa de auditoria financeira.

Trabalha em televisão e tem uma marca de roupa e produtos de beleza, que parou de implementar, porque justamente no dia do lançamento da referida marca, a sua mãe faleceu, facto que a marcou muito, porque teve sempre a mãe como principal conselheira.

Hoje, já na casa dos 40 e com uma carreira sólida, Yana Van-Dúnem diz que não tem quadros baratos, sendo que os preços começam dos 100 mil kwanzas em diante. O seu trabalho encontra-se patente nas salas do novo edifício da EPAL e SIAC do Zango, decoradas com a sua assinatura.

Para conciliar todas actividades que desenvolve, Yana teve de se organizar. Apesar de não ter sido fácil, hoje conta com a colaboração de pessoas que trabalham na empresa de Auditoria, em casa, e no atelier de estilismo que se encontra inactivo, temporariamente.

Mãe de um casal de filhos já grandes e independentes, Yana conta sempre com o apoio da família, em especial da mãe que lhe deixou como grande herança a formação, que procura transmitir aos dois filhos.

EDIÇÕES NOVEMBRO

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Yana Van-Dunem é formada em Belas Artes desde a década de 80

Literatura

Por seu turno, a escritora Ottoniela Bezerra diz que as mulheres por natureza infundem o amor e o respeito entre as pessoas. São delicadas, elegantes e por vários anos, essas características foram desassociadas da característica da competência e capacidade de liderar, dirigir e ocupar lugares que há alguns anos eram ocupados por homens. E a mulher angolana não foge a esta regra. Ainda há muito por percorrer, mas estamos no bom caminho e é cada vez mais crescente a valorização e a capacitação da mulher.

A escritora afirma que Angola é dos países a nível de África com mais mulheres no Executivo. Hoje em dia já temos muitas mulheres no ramo da aviação, segurança e outras profissões. Mas diz com tristeza que um dos principais obstáculos para a mulher desenvolver é o assédio nos locais de trabalho, preconceito e a desvalorização para com o sexo feminino.

Para Ottoniela, a mulher precisa de continuar a trabalhar e buscar cada vez mais meios para se capacitar a todos os níveis para que sejam dignas dos lugares que actualmente ocupam.

A jovem escritora diz que apesar dos preconceitos felizmente nunca sentiu nenhum tipo de dificuldade a nível literário simplesmente por ser mulher, e em conversa com colegas de classe também nunca ouviu nenhuma reclamação e sinte o feedback positivo em função de toda a actividade que desenvolve a nível literário.

Ottoniela Bezerra, que escreve contos e possui já dois livros publicados, explicou à reportagem que começou a escrever aos 16 anos e a primeira plataforma que utilizou para mostrar a sua arte foi o seu blogue. Mas garante que as letras sempre fizeram parte da sua vida, desde a infância, e por incentivo dos seus pais.

"Lembro-me dos meus 10/11 anos de idade em que não dormia enquanto o meu pai não chegasse a casa com o Jornal do dia. Por isso, como escritora, pretendo aprimorar cada vez mais o que faço e poder contribuir para o desenvolvimento da literatura angolana. Quero que a minha obra seja eterna e mesmo quando eu já não estiver em vida, quero que a minha arte continue a fazer parte da vida dos angolanos e não só", referiu.

Questionada sobre as suas inspirações, Ottoniela diz que se inspira na força da mulher angolana, na solidariedade, na determinação. Por serem mulheres com garra, e o seu principal exemplo é a sua mãe.

PODER LEGISLATIVO

Mulher ganha o seu espaço no

ADELINA INÁCIO |

Ainda que de forma tímida, a participação da mulher no Parlamento tem crescido substancialmente. Depois de o Executivo ter adoptado mecanismos para estimular a participação da mulher na política e o aumento de quotas nos órgãos de decisão, são visíveis alguns resultados.

No poder legislativo, o que se pretende é que a igualdade de género possa ser atingida nos próximos tempos. "Empoderar a mulher" é uma expressão que se vai ouvindo com maior frequência.

A deputada Luísa Damião, do MPLA, considera que a mulher teve um papel relevante na luta de libertação nacional e na conquista da independência, razão pela qual, defende, também deve estar agora melhor representada nos órgãos de decisão. "Muitas delas escreveram brilhantes páginas de heroísmo e, com a sua determinação, dedicação e bravura, têm sabido desempenhar bem o seu papel para o engrandecimento da sociedade angolana", diz.

As mulheres têm dado o seu contributo nos debates mensais e nas comissões de especialidade da Assembleia Nacional

"Felizmente para África a representação feminina nos parlamentos de muitos países tem sido acima dos 30 por cento"

Esta sua postura, aliada ao ganho de consciência de que deveriam estar capacitadas para prestar o seu contributo ao país, ajudou a desenhar e preparar o caminho para uma presença hoje notória nos órgãos de decisão, sublinha. "As mulheres angolanas têm-se revelado incansáveis na construção de uma sociedade justa e harmoniosa e têm estado a desenvolver um papel activo no Parlamento angolano, destacando-se na discussão de diplomas importantes para a vida do país", considera.

Luísa Damião reconhece que há ainda um longo caminho a percorrer, mas adianta que foram dados passos sólidos e seguros neste sentido. A deputada diz ser visível a presença da mulher angolana não só no Poder Legislativo, mas também no Executivo e Judicial. "O caminho das mulheres na construção de um mundo mais justo, mais respeitador na equidade do género e mais humano vai-se concretizando, como resultado dos esforços levados a cabo pelo Executivo", diz a parlamentar.

As mulheres, nota, já ganharam consciência de que o principal incentivo para a sua promoção é a sua capacitação. Por isso, continuam a investir na sua formação que é uma condição de direito humano fundamental. "A formação revela-se um instrumento imprescindível para o empoderamento das mulheres. Interiorizando este princípio, as mulheres continuam a fazer progressos no domínio da educação e hoje constatamos que a maioria dos estudantes das universidades é constituída por mulheres", realça.

JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Deputada do MPLA Luísa Damião

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

Clarice Caputo é deputada da UNITA

DR

Odeth Joaquim da CASA-CE

Luísa Damião considera igualmente que a mulher angolana está a conquistar, cada vez mais, o seu espaço no ambiente profissional, participando nas mudanças que ocorrem na sociedade. "As habilidades e características femininas começam a ser valorizadas pela sociedade, deixando aos poucos de ser uma mera coadjuvante em determinados segmentos sociais e profissionais, possibilitando, cada vez mais, o seu acesso às posições estratégicas nas suas profissões", notou. Para a deputada, só deste modo as mulheres poderão continuar a somar mais conquistas e assumir com competência e responsabilidade as funções para as quais forem chamadas a desempenhar.

Equilíbrio de género

Luísa Damião lembra que o Executivo colocou na sua agenda política a questão do género, tendo promovido políticas públicas a favor das mulheres. "Têm sido desenvolvidas acções de educação para levar as pessoas a compreenderem que a plena e igual participação das mulheres na vida política e económica é fundamental para a democracia e justiça social e que a igualdade de direitos e oportunidades é a base de sociedades e economias saudáveis", refere.

Como resultado deste trabalho, diz, existe já uma certa sensibilidade na sociedade de que um futuro sustentável só pode ser construído com homens e mulheres. Realça o facto de a promoção da mulher e a luta pela igualdade de direitos e de oportunidades na educação e no emprego, bem como a participação da mulher na vida política, económica, social e cultural estarem na agenda política do Governo.

A deputada realça igualmente os avanços relativamente à condição jurídica e social da mulher e defende que se deve continuar a trabalhar no fortalecimento da capacidade e competência das mulheres, incentivando a sua formação académica.

Mulheres nos partidos

Luísa Damião refere-se igualmente à participação das mulheres nos partidos políticos. Lembra que a Lei dos Partidos Políticos recomenda a inclusão nos seus estatutos de uma cifra não inferior a 30 por cento de representação de mulheres. Para a parlamentar, esta percentagem é positiva, mas ainda não satisfaz, tendo em conta que a igualdade de género a nível mundial continua a ser um facto preocupante.

"As disparidades entre mulheres e homens ainda representam uma realidade com metas limitadas que não se ajustam ao espectro com-

Parlamento

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

As habilidades e características femeninas devem ser mais valoizadas

pleto dos direitos das mulheres e das meninas estabelecidos nos principais instrumentos e tratados internacionais, como a Convenção das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (Cedaw)", notou.

A deputada falou ainda da aprovação, em 2013, da política nacional para a igualdade e equidade de género e a sua estratégia de implementação, bem como o plano nacional de acção da família.

A deputada sublinha ainda o facto de Angola integrar a lista de países que têm feito progressos relativamente à integração de mulheres nos órgãos de decisão, mas defende que se deve continuar a trabalhar para o país cumprir as recomendações das Nações Unidas.

Por isso, Luísa Damião é de opinião que se deve continuar a construir estratégias necessárias para alcançar a equidade de género. "Só assim será possível construir uma nova sociedade para as novas gerações. Só assim poderá haver um mundo mais justo, mais humano, onde mulheres e homens unidos trabalhem para dignificar o país", refere.

A deputada Clarisse Caputo, da bancada parlamentar da UNITA, entende que as reivindicações das mulheres por uma participação política mais activa, mais visibilidade em cargos electivos e públicos e

"O caminho das mulheres na construção de um mundo mais justo vai-se concretizando com os esforços de todos"

melhores condições de trabalho são justas e, de um modo geral, enquadram-se na luta pelos direitos humanos.

A deputada defende que as mulheres angolanas podem e devem ascender a cargos políticos mais altos do país e que a competitividade e a meritocracia devem ser as suas aliadas permanentes. "A presença das mulheres na política é histórica. Desde a sua participação nas lutas de libertação nacional contra a dominação colonial portuguesa, as mulheres têm sido fiéis ao longo de todos os processos políticos que o país tem atravessado", diz.

Clarice Caputo afirma que as mulheres têm capacidade para exercer qualquer cargo e isso já foi demonstrado. "Não temos medo de barreiras, já derrubámos muitas com o nosso trabalho e dedicação", refere.

A parlamentar reconhece que o país "não está mal" em termos de percentagem de mulheres a ocuparem cargos de decisão, mas é de opinião que se "pode fazer muito mais. Temos poucos cargos electivos directos", exemplifica.

No caso particular da Assembleia Nacional, diz, a eleição é para uma lista de um partido político e muitas vezes não se conhecem os nomes de muitas mulheres, nem sequer a sua carreira política, participação e nível profissional. "Felizmente para a África, a representação feminina nos parlamentos de muitos países tem sido acima dos 30 por cento. Para as parlamentares angolanas, é o resultado de muitos anos de trabalho e não queremos parar por aqui", notou.

Clarice Caputo defende que o debate em torno dos problemas que afligem a mulher deve ser mais frequente, sem olhar para as cores partidárias. "Deve-se passar com alguma celeridade para as questões práticas de apoio às leis que já foram aprovadas, como por exemplo a relacionada com a violência doméstica. As pessoas precisam de se especializar para termos resultados concretos", considera.

A deputada Odeth Joaquim, da CASA-CE, realça o facto de as mulheres constituírem a maioria da população angolana e defende, assim, que a representatividade nos órgãos de decisão e públicos não pode ser inferior a 50 por cento. Por isso, defende que se preste maior atenção às políticas públicas destinadas às mulheres.

"Os direitos das mulheres trabalhadoras evoluíram quanto à protecção da maternidade e da mulher trabalhadora grávida, mas não se tem em conta a igualdade de género no acesso ao emprego, nas carreiras e categorias. Não há horários flexíveis que permitam conciliar a responsabilidade laboral e o seu papel na família", lamenta.

Odeth Joaquim considera que a legislação angolana propicia a promoção das mulheres nos cargos mais altos do país, mas a sua praticabilidade tem estado aquém das expectativas, porque são escassos os incentivos para o efeito.

Tal como as outras deputadas, a parlamentar da CASA-CE reconhece que a representatividade feminina na Assembleia Nacional é considerável, mas ainda não é satisfatória, pelo facto de o Parlamento angolano ser marcado por uma maioria masculina. "As parlamentares angolanas têm de demonstrar competência e eficiência no trabalho, bem como o seu desempenho e disponibilidade física e intelectual, no sentido de ser reconhecido o seu papel, tanto no Parlamento como nos seus respectivos partidos, para que a sua ascensão para este cargo seja por mérito, de forma qualitativa e quantitativa nas listas de candidatos a deputados", defende.

ALTINO MATOS

Mulheres se destacam com ideias inovadoras

Mais e mais ideias, mais e mais projectos, mais e mais envolvimento marcaram a caminhada da humanidade em busca de melhores condições, a bem dizer, desde meados do século XIX, a luta pela igualdade e acesso a direitos fundamentais com um único objectivo: dar à mulher mais conforto espiritual, sabendo que, da materialidade da própria dinâmica social, resulta o acolhimento de organizações e governos.

A mulher está no centro de tudo, não há como ser diferente, pois palavras como união e compaixão têm sentido com a prosperidade da mulher, enquanto parceira e companheira das horas difíceis, em que sentimos o céu "desabar" sobre as nossas cabeças, e também das horas de grandes celebrações, quando presente se torna o amor; mas um amor único, que cobre o coração e renova o porvir.

As palavras Mulher e Março, associadas, nunca haviam conseguido um efeito tão grande na história da humanidade, como passaram a ter desde o ano de 1910, quando, numa conferência na Dinamarca, ficou decidido que o 8 de Março passaria a ser o "Dia Internacional da Mulher". A vida das mulheres a partir daí mudou e a sua história começou a ser desenhada com outra tinta e sob outro prisma. Os instrumentos de pesquisa e registo do seu empenho tanto na família como na sociedade foram trocados por canetas de feltro e compasso. E não mais chicotes ou masmorras!

A discriminação voluntária desapareceu de todo o esquema social, os traços da vulgaridade que tornavam a mulher um ser inferior foram reprovados e banidos da convivência social sã.

Foram precisas várias lutas, verteu-se sangue e, em muitos casos, famílias e grupos sociais viram suas mães ou irmãs nunca mais voltar. Porém, o esforço e a coragem foram maiores e com bravura ficou vencido o complexo da superioridade masculina. As Nações Unidas juntavam-se à luta e, em 1975, durante o Ano Internacional da Mulher, passaram a celebrar o Dia Internacional da Mulher em 8 de Março, tal como tinha sido consagrado na conferência de 1910, na Dinamarca.

As mulheres passaram a contar na construção de modelos sociais, ao lado dos homens, afinal os seus companheiros, com direito a participar em eleições, marcando a diferença com o seu voto. O engajamento de organizações e governos conseguiu colocar a mulher no centro dos programas da política internacional. Hoje, é imperdoável traçar-se estratégias para a melhoria das condições de vida sem ter em conta a mulher como um factor de equilíbrio dinamizador na concretização dos projectos.

É bem verdade que, apesar do esforço de organizações de carácter civil, nacionais e internacionais, assim como o envolvimento dos respectivos governos, a humanidade ainda está muito longe de dar à mulher o conforto desejável. Existem embaraços que resultam, em muitos casos, de particularidades contidas na própria cultura, cujo modelo feminino remete-a para lugares de inferioridade, quando não de total exclusão. As dificuldades na afirmação das mulheres, segundo especialistas, devem ser vistas do particular ao todo. Assim, deve começar-se a distinguir tais dificuldades por regiões e continentes, depois por factores filosóficos e sociológicos, e, até, por traços anatómicos de ordem teológica e histórica.

Em África, a mulher ainda convive com duas realidades primárias, a saber, o complexo familiar, onde podemos encontrar a orientação para actuar sem desafiar o homem, logo a mulher rejeita ou desiste da luta pela sua ascensão; e o factor étnico, onde a cultura exige dela obediência literal ao homem. Neste particular, os estudiosos divergem, obviamente, mas pelo menos são unânimes em afirmar que o despertar no continente é uma inegável realidade.

Este despertar tem reflexos na vida das sociedades e das suas instituições, aliás. A União Africana, por exemplo, elegeu em 2012, para um alto cargo de direcção, a sul-africana Nkosozana Dlamini-Zuma, a primeira mulher a exercer o cargo de presidente da comissão da União. Os Chefes de Estado e de Governo depositaram a sua confiança numa mulher, ultrapassando os complexos e enfrentando as correntes negativas que insistem em manter a mulher como um ser inferior, para cumprir os propósitos da organização.

A decisão dos Chefes de Estado e de Governo demonstra o seu compromisso total com a causa da mulher, mas, acima de tudo, com o bem-estar social. Angola, em África, está na linha da frente dessa iniciativa. Basta salientar o rol de programas e uma série de medidas pontuais para conferir à mulher não apenas a dignidade que merece mas também possibilidades que lhe permitam realizar as suas actividades com menos embaraço e concretizar sonhos.

Em termos de representação na vida activa, seja no campo político, seja no campo social, o país está bem cotado, e, em muitos fóruns internacionais é citado como um bom exemplo. O Executivo, através do Ministério da Família e Promoção da Mulher, tem produzido actividades em benefício das mulheres, que permitem melhorar o seu modo de vida.

A discussão no país saiu da condição do primário e atingiu o estágio da busca da qualidade e ampliação, para chegar a mais mulheres. A realidade angolana mostra que a mulher é um ser de equilíbrio que, desde muito cedo, começou a participar na construção dos pilares da nação, e, não poucas foram as vezes, superaram as expectativas, com coragem e bravura. A luta pela independência e a afirmação do Estado, em todos os seus momentos, contaram com o contributo da mulher.

MANUELA GOMES (*)

O Mundo assinala hoje, mais uma vez, o Dia Internacional da Mulher. A celebração da data é feita há cerca de século e meio após o início das reivindicações femininas, com destaque para a Europa e Estados Unidos, por melhores condições de trabalho. Isto demonstra o longo caminho percorrido pela Humanidade com vista ao reconhecimento dos direitos dessa camada da sociedade.

A necessidade de se dedicar um dia à mulher é há muito reconhecida, mas a escolha de uma data para tal esteve sempre envolta em polémica, causada, sobretudo, pela situação política vigente no Mundo. Embora a escolha da data tenha ocorrido em 1910, durante uma conferência na Dinamarca, apenas em 1975, Ano Internacional da Mulher, a Organização das Nações Unidas (ONU) passou a celebrar o Dia Internacional da Mulher a 8 de Março.

A instituição da efeméride visa não apenas comemorar, mas levar a cabo um debate o mais amplo possível sobre a situação da mulher no Mundo inteiro. Na maioria dos países, realizam-se conferências, debates e reuniões, cujo objectivo é discutir o papel da mulher na sociedade actual. O esforço é tentar diminuir e, quem sabe um dia terminar, com o preconceito e a desvalorização da mulher.

Na luta pela valorização do seu papel na sociedade, registaram-se grandes avanços em todo o Mundo, sobretudo, nos países onde os movimentos em defesa dos trabalhadores mais se fizeram sentir, mas, apesar de todos os avanços, elas ainda sofrem com salários baixos, violência masculina, jornada excessiva de trabalho e desvantagens na carreira profissional.

Nos países em desenvolvimento, a situação da mulher é muito mais crítica, devido às condições gerais, como a falta de acesso a serviços básicos, como saúde, educação água e electricidade, mas também pela observância de práticas sociais desconectadas da realidade actual.

O empoderamento da mulher, reconhecido como meio para a evolução geral da sociedade, devido ao papel crucial que a camada feminina desempenha no seio das famílias e nas comunidades, esbarra numa série de entraves, que começa no próprio ciclo familiar, apoiado por princípios religiosos tornados tabu, e continua fora de casa.

Fruto da luta incessante pela igualdade de género tem-se verificado em todo o Mundo mudanças assinaláveis na condição das mulheres, sobretudo, no acesso à educação e às lideranças, mas muito há ainda por fazer para alterar o quadro de discriminação.

Em Angola, procura-se há muito inverter esse quadro e existem argumentos suficientes para convencer a população a aderir aos programas direccionados à igualdade de género. A primeira delas é a participação da mulher na Luta de Libertação Nacional, oriunda de uma presença secular das mulheres nessa tarefa, desde a resistência do Povo Angolano à penetração e domínio coloniais.

Figuras da história de resistência à colonização, como Njinga Mbande, ou pela libertação, como Deolinga Rodrigues, não se podem apagar e procura-se passá-las de simples referências a exemplos para a juventude.

Pela importância que teve na Luta de Libertação Nacional, a mulher foi chamada a ombrear com o homem nas tarefas da reconstrução nacional e assumiu papel preponderante no asseguramento da soberania do país.

Em face da crise económica mundial e da necessidade de diversificar a economia do país para reduzir a enorme dependência em relação ao petróleo, cabe também à mulher angolana um lugar de destaque, dado o seu papel no seio das famílias e comunidades.

O Executivo angolano procura pelos mais variados meios dotar a mulher de ferramentas que lhe permitam juntar ao sentido de iniciativa que lhe é peculiar os conhecimentos necessários para levar avante os seus projectos nos mais variados domínios.

Outrossim, procura-se resolver situações que interferem de forma directa na vida das mulheres, através da execução de programas de desenvolvimento sócio-económico. De realçar a importância das parcerias público-privadas que procuram aliar os grandes projectos estruturantes desenvolvidos pelo Estado às iniciativas privadas, em busca da materialização das políticas gerais do Executivo em todos os domínios.

Os ministérios têm-se feito juntar a Organizações Não-Governamentais nacionais e estrangeiras na consecução de iniciativas aparentemente simples com resultados bastante significativos em pequenas comunidades no meio urbano, peri-urbano e rural.

É importante frisar que essas iniciativas partem do pressuposto de que os grandes investimentos a fazer só têm o impacto desejado se as famílias e, em particular as mulheres, estiverem dotadas de conhecimentos. A mulher é uma alavanca do desenvolvimento.

EDMUNDO EUCILIO | EDIÇÕES NOVEMBRO

O empoderamento da mulher reconhecido como meio para a evolução geral da sociedade

A MULHER COMO ALAVANCA DO DESENVOLVIMENTO

Mulheres mais empenhadas

IGUALDADE DE GÉNERO

O reforço do poder das mulheres depende da formação dos homens

PEREIRA DINIS

A população mundial de mais de sete mil milhões de pessoas apresenta uma média de 101,8 homens para cada 100 mulheres. Esta diferença na proporção global de aparência reduzida assume dimensões consideráveis se tivermos em conta aspectos sócio-económicos, como o facto de as mulheres ganharem apenas 77 por cento do salário que os homens recebem para executar o mesmo tipo de trabalho, ao mesmo tempo que se sabe serem elas as responsáveis por cerca de 80 por cento da produção de alimentos em todo o Mundo.

Para a Organização Internacional do Trabalho, são necessários 70 anos para se encontrar uma paridade salarial entre os dois géneros, isso a nível global, porque em determinadas regiões a situação é muito mais grave e sem sinais de melhoria, quando não mostram mesmo indícios de piorar, causados pelo agravamento das condições económicas nessas sociedades, em que as necessidades de sobrevivência impõem às mulheres regras desajustadas aos tempos actuais.

Em muitas regiões assoladas pela pobreza, a simples sobrevivência das mulheres depende muito mais do cumprimento de normas discriminatórias arreigadas a tradições retrógradas ou impostas por novas correntes oportunistas que daí procuram tirar o máximo proveito.

Determinadas práticas antes atribuídas às tradições e procuradas justificar com evasivas a respeito da saúde reprodutiva, no geral, e da mulher, em particular, como é o caso da ablação ou "circuncisão feminina", revelam-se, de facto, formas de submissão e, mesmo que comprovado seu lado negativo e até perverso, conhecem seguidores e defensores até aos nossos dias.

O reforço do poder da mulher com vista ao alcance de uma situação cada vez mais igualitária em relação ao homem é travado desde tenra idade, quando esta é impedida de frequentar a escola. Além de serem colocadas na condição de subalternas no seio familiar. O resultado parece ser apenas a escravização das mulheres e o resumo do seu papel ao desempenho das tarefas do lar e à condição de objecto reprodutor, quando, na verdade, se trata do empobrecimento geral da sociedade em face do papel da mulher na educação das famílias e das comunidades.

São apontados como benefícios da educação das mulheres, a redução no número de gestações, da mortalidade infantil e materna, o aumento da protecção contra a contaminação com HIV/Sida, o crescimento do número de mulheres com emprego e salários mais altos, o que permite melhorar os rendimentos das famílias. São benefícios que duram muitas gerações.

No sentido inverso, nota-se que, em pleno século XXI, as mulheres africanas têm 175 mais chances de morrer durante o parto do que as mulheres dos países desenvolvidos, segundo a ONU. Em 2000, 95 por cento das 529 mil mortes de mães nos partos registados foram de mulheres africanas. Muitas mortes ocorrem pelo atraso em reconhecer que há um problema, pela dificuldade da mãe em chegar a um estabelecimento médico ou em receber um atendimento de qualidade.

É de notar, contudo, que a luta das mulheres pela igualdade de género, iniciada ainda no século XIX e que ganhou verdadeira expressão mundial nos anos vinte, encontra ainda muitos obstáculos nas sociedades ditas mais avançadas, onde a discriminação procura fazer-se justificar pelas tradições, por um lado, mas também com recurso à interpretação errada dos resultados de determinados estudos científicos sobre o organismo humano.

EDUCAÇÃO

Alfabetizadas mais de 14 mil mulheres

Catorze mil e 337 mulheres aprenderam a ler e a escrever, em 2016, no âmbito do Programa de Alfabetização e Aceleração Escolar (PAAE) na província do Cunene. Em declarações à Angop, no âmbito da jornada "Março-Mulher", Susana Daniel referiu que seis mil e 258 mulheres estiveram enquadradas no método "Gostar Ler e Escrever", sete mil e 62 na metodologia "Sim eu Posso" e 2.675 nos módulos II e III, que correspondem à 3ª, 4ª,5ª e 6ª classe do ensino geral. A responsável manifestou a sua satisfação pela grande adesão e o bom aproveitamento escolar das mulheres, realçando que das 21 mil e 703 senhoras matriculadas, inicialmente, registou-se a desistência de três mil 961 alunas e a reprovação de 3.285. Ressaltou que as mulheres formadas academicamente conseguem lutar melhor pelos seus direitos, em pé de igualdade com os homens, e corresponder com às exigências actuais de desenvolvimento do país.